

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**ADAMSON, John** (Gateshead, 1787 - Newcastle-upon-Tyne, 1855)

Nascido em 1787, no seio de uma família influente e abastada de Gateshead, nos arredores de Newcastle-upon-Tyne, filho de Cuthbert Adamson - um tenente da Royal Navy - John Adamson terá demonstrado desde muito cedo particular interesse pela literatura. Em 1803, concluída a sua escolaridade numa Grammar School, é enviado pela família para Lisboa, onde residia o irmão mais velho, Blythman, comerciante abastado e destacado membro da Feitoria Britânica da capital portuguesa. Predestinado a tornar-se seu sócio, a actividade mercantil seria, deste modo, o futuro reservado para o autor pelos seus progenitores. Desconhecem-se pormenores relativos às actividades que desenvolveu durante a sua estada em Portugal. Sabemos, contudo, que, para além de ter aprendido o português, manifestou particular interesse pelas nossas letras, adquirindo e coleccionando obras de autores lusitanos, que viriam a constituir o núcleo original da sua biblioteca. As Guerras Napoleónicas e a primeira invasão francesa, em 1807, forçaram-no, porém, a regressar ao seu país. Ao contrário da maioria dos ingleses que visitaram Portugal, nunca viria a publicar relatos das viagens eventualmente realizadas pelo país. Guardou, contudo, uma imagem involuntariamente positiva e peculiar da nação que o acolhera, resultando a visão que dela transmite de um conhecimento profundo sobretudo das suas Letras e História e da exaustiva investigação que em torno destas empreendeu.

Ao regressar à Grã-Bretanha, decide enveredar pela carreira jurídica e estabelece-se ao cabo de alguns anos como solicitador em Newcastle, desempenhando em simultâneo diversos cargos públicos e administrativos de importância local: Under-Sheriff of Newcastle (1811) e Secretary of the Newcastle and Carlisle Railway Company. Porém, a sua intensa actividade profissional não o impediu de alcançar uma posição de prestígio nos círculos intelectuais da cidade e, em conjunto com outras personalidades da região de Tyneside, destacou-se enquanto fundador e membro de diversas instituições culturais de carácter local, como a Literary and Philosophical Society of Newcastle-upon-Tyne (1811) e a Antiquarian Society of Newcastle (1813). Não obstante residir em Newcastle, urbe provinciana e industrial, afastada dos pólos da vida cultural e académica britânicas, manteve, ao longo da sua vida, contacto pessoal ou por correspondência com a maioria dos intelectuais e literatos ingleses que então se interessavam pelas nossas



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

letras, nomeadamente poetas e lusófilos como Robert Southey e Edward Quillinan, tradutores de Camões como *Lord Strangford*, Thomas M. Musgrave e William Hayley, mas igualmente com viajantes como William M. Kinsey. Merece igualmente destaque o facto de o lusófilo de Newcastle ter servido de elo entre os diversos elementos da geração romântica de lusófilos britânicos e as figuras cimeiras da vanguarda intelectual e literária do nosso país com quem estabeleceu importantes contactos, em particular com os emigrados liberais que haviam buscado refúgio na Grã-Bretanha, temendo as perseguições que lhes eram movidas por D. Miguel. É neste preciso contexto que irá conhecer e travar relações de amizade com Almeida Garrett, encetando um processo de diálogo intelectual e de intercâmbio bibliográfico que perdurou após o regresso deste último a Portugal, facto comprovado pela correspondência entre eles trocada, que poderá ser consultada na Biblioteca da Universidade de Coimbra. Outra personalidade que o lusófilo afirma ter conhecido é D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Mateus, autor que terá alegadamente fornecido a Adamson preciosas informações sobre a temática camoniana e a quem este último viria a recorrer na elaboração de *Memoirs of the Life and Writings of Luís de Camoens* (1820). Sabemos ainda que o lusófilo manteve correspondência com D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela, e com José Gomes Monteiro, facto confirmado por Adamson em cartas trocadas com Almeida Garrett. Eventuais contactos entre o nosso autor e as personalidades referidas poderão ter ocorrido na capela da embaixada de Portugal em Londres ou na residência de *Lord Holland*. Porém, foi junto dos livreiros e bibliófilos James Gooden e Richard Heber, a quem Adamson adquiria regularmente edições e espécimes de grande valor e lhe concediam livre acesso às suas colecções de livros portugueses, que o lusófilo conheceu Garrett.

Seguindo uma tendência comum à generalidade dos autores ingleses oitocentistas que se interessaram por Portugal e pelas suas letras, debruçou-se igualmente sobre Camões. Todavia, viria a ultrapassá-los pela preocupação demonstrada em estudar de forma sistemática a poesia portuguesa, sobretudo a partir do Renascimento e até à primeira geração romântica, tendo a dimensão excepcional alcançada pela sua obra e o carácter especializado da mesma convertido Adamson num lusófilo e numa figura ímpar entre os *Anglo-Portuguese scholars* do Romantismo; talvez mesmo naquele que maior número de obras produziu e com maior regularidade. Contudo, na Grã-Bretanha o seu nome era sobretudo conhecido num restrito círculo de personalidades interessadas em Portugal, visto tratar-se de uma figura menor no panorama literário romântico inglês. Será forçoso reconhecer que o nosso autor foi sobretudo divulgador, tradutor e comentador, revelando por vezes pouca imaginação e ausência de génio poético e, não obstante o carácter exaustivo e abrangente dos seus trabalhos no âmbito da literatura portuguesa, está longe de ter alcançado o carácter monumental e a influência da obra de Robert Southey, sobretudo no âmbito da historiografia.

As duas obras que lhe granjearam maior destaque foram, sem dúvida, *Memoirs of the Life and Writings of Luís de Camoens* (1820) e *Lusitania Illustrata* (1842-46). A respeito de *Memoirs* importa destacar que a sua publicação constituiu um verdadeiro marco na história dos Estudos Camonianos, por se tratar da primeira monografia europeia sobre Camões, nela se efectuando um estudo profundo e especializado da



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

vida e obra do poeta português, muitas décadas antes da publicação dos trabalhos realizados por Richard Burton (*Camoens: His Life and his Lusiads*, 2 vols. 1881) e Wilhelm Storck (*Luis de Camoens Leben, nebst geschichtlicher Einleitung*, 1890). Ao longo de dois volumes Adamson colige o maior número possível de dados biográficos, bibliográficos e críticos sobre Camões, apoiado numa leitura atenta da maior parte das obras que haviam sido publicadas até à data. Seguindo uma tendência característica do Romantismo, Adamson pretendeu essencialmente reconstruir a biografia do poeta num longo ensaio, procedendo a uma utilização da obra camoniana como base para a sua elaboração, nomeadamente de passagens de *Os Lusíadas* e de numerosas composições líricas, por conterem referências autobiográficas e serem a expressão genuína dos sentimentos do poeta. Na verdade, esta metodologia havia sido anteriormente adoptada por autores românticos que Adamson conheceu – Lord Strangford (*Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: With Remarks on His Life and Writings, Notes, etc.*, 1803) e o Morgado de Mateus (*Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões*, 1817).

Porém, o nosso autor foi mais longe do que os seus antecessores, ao pretender, pela primeira vez e de forma sistemática e generalizada, reconstruir a biografia do autor, através de uma leitura comentada da sua obra lírica. O retrato de Camões que Adamson irá divulgar resulta em simultâneo da concepção então vigente do poeta no Romantismo e de uma visão mítica do vate lusitano - o génio proscrito e desgraçado, vítima da incompreensão dos homens e da hostilidade da natureza, mas igualmente encarado como um símbolo do período áureo da história e cultura portuguesas. A dimensão e o valor deste verdadeiro marco na cronologia dos Estudos Camonianos levaria a Academia das Ciências de Lisboa a nomeá-lo sócio honorário, em sessão ordinária de 28 de Abril de 1820.

A segunda obra a que aludimos, intitulada *Lusitania Illustrata*, fazia, por seu turno, parte de um ambicioso projecto de estudos portugueses que se teria convertido num dos mais destacados trabalhos neste domínio caso tivesse sido concluído. Trata-se de uma colecção de obras sobre Portugal, da qual saíram apenas dois volumes, mas cujo plano inicial incluía outros tomos dedicados à Literatura, à História e a outras áreas do saber, como a Arqueologia e as “*Antiquities*”. O primeiro volume, editado em 1842 e dedicado ao Duque de Palmela, consiste numa compilação de sonetos portugueses em apresentação bilingue, que inclui composições dos mais representativos cultores deste género, desde o Renascimento ao Pré-Romantismo. Trata-se da primeira antologia de poetas líricos portugueses publicada na Europa, facto que atesta o seu carácter inovador, incluindo biografias de quase todos os autores seleccionados, que Adamson extraiu do acervo da sua famosa biblioteca (de que nos resta o catálogo, intitulado *Bibliotheca Lusitana* (1836), à época uma das maiores colecções privadas de obras portuguesas da Grã-Bretanha, na qual se destacava a secção camoniana, única porção do vasto espólio que sobreviveu até aos nossos dias, após o incêndio que a destruiu em 1849. Já o segundo tomo de *Lusitania Illustrata* (1846) viria a divulgar, pela primeira vez, ao público britânico, traduções de quatro composições integradas no *Romanceiro* de Almeida Garrett (vol. I, Lisboa, 1843). Este volume, dedicado ao poeta português, inclui a versão original dos textos seleccionados



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mas igualmente comentários aos mesmos. Tratou-se de um importante trabalho de divulgação da obra que Garrett havia realizado naquele âmbito e a única tradução da mesma efectuada até hoje na Grã-Bretanha. A obra foi prontamente reconhecida em Portugal, sobretudo por Almeida Garrett e o Duque de Palmela, que intercederam junto de D. Maria II para que lhe fossem outorgadas a Ordem da Torre e Espada e a Ordem de Cristo, respectivamente concedidas em Abril e Julho de 1838. Os dois volumes de *Lusitania Illustrata* constituiriam apenas a secção literária de um projecto mais vasto de que fariam parte outros tomos, tal como nos é dado entrever pelo próprio subtítulo: *Notices on the History, Antiquities, Literature, etc., of Portugal*. As declarações de Adamson, na dedicatória ao Duque de Palmela que antecede o primeiro volume, confirmam que o autor teria à partida idealizado e traçado um plano bastante mais ambicioso. As dificuldades técnicas que enfrentou ao pretender traduzir alguns textos, aliadas à vasta dimensão dos projectos em causa, bem como a destruição da sua biblioteca, impediram-no de os concretizar. É de supor que o projecto incluiria a reedição de alguns trabalhos dispersos que Adamson havia publicado após o seu regresso à Grã-Bretanha. É o caso dos artigos historiográficos surgidos na revista *The Monthly Mirror*, entre 1807 e 1810, intitulados respectivamente “History of Portugal” (vol. II, Nov. 1807 – vol. IV, Jul. 1808) e “Memoranda Lusitanica” (vol. V, Apr. 1809 – vol. VI, Dec. 1809), sendo provável que tencionasse publicá-los num volume exclusivamente dedicado à História de Portugal. Importa desde logo sublinhar que as séries “History of Portugal” e “Memoranda Lusitanica” surgem entre Novembro de 1807 e Dezembro de 1810, em plena Guerra Peninsular, pelo que a escolha da História de Portugal como tema para duas longas séries de artigos não terá sido meramente accidental. É provável que o autor tivesse pretendido chamar a atenção dos seus compatriotas para os destinos de um país que havia firmado com a Inglaterra a mais antiga e duradoura aliança política e militar da Europa e ao lado da qual o exército britânico combatia com sucesso a ameaça napoleónica. De acordo com as alegações efectuadas por Adamson no texto introdutório, a série “History of Portugal” não constituiu trabalho original, tratando-se de uma adaptação de uma obra historiográfica francesa datada de 1803, cuja autoria e título original nunca são revelados. Embora reconhecendo ao original o seu inequívoco valor, Adamson adverte o leitor para o carácter panegírico de algumas passagens, contendo alusões ao governo gaulês e a Napoleão Bonaparte. Contudo, tais referências foram deliberadamente omitidas pelo tradutor, que nos oferece uma versão muito livre do original, através da qual transmite uma imagem globalmente positiva da Inglaterra e de alguns dos seus monarcas e chefes de estado, nomeadamente Henrique VIII, Isabel I, Carlos I e Oliver Cromwell, a quem é reconhecido o mérito de terem transformado a Grã-Bretanha numa grande potência marítima. A série intitulada “The History of Portugal” pretende, na aparência, constituir um mero epítome da evolução do Reino de Portugal, no período compreendido entre a fundação da nacionalidade e a derrota de Alcácer-Quibir, abarcando toda a Idade Média e o Renascimento, aqui representado como o período mais glorioso da sua História. Porém, do ponto de vista historiográfico, este conjunto de ensaios está longe de revelar uma conformidade com os padrões tradicionalmente revelados por textos congéneres. Ao invés de uma



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

exaustiva narrativa dos feitos dos monarcas e heróis da Dinastia de Borgonha ou da sábia condução dos destinos de Portugal por príncipes do Renascimento, como D. João II ou D. Manuel I, mas igualmente das jornadas dos navegadores portugueses, somos confrontados com uma reflexão filosófica sobre as origens de uma pequena nação periférica da Europa e a sua gradual transformação num gigantesco império marítimo, igualado às grandes potências da Antiguidade, como Roma ou Cartago. Do conjunto de artigos em epígrafe ressalta a ausência de uma narrativa cronologicamente organizada, de uma relação detalhada dos factos e sobretudo referências a personagens históricas e a determinados episódios determinantes no curso da nossa evolução enquanto país. Em sua substituição encontramos uma interessante série de reflexões sobre teoria política, estratégia militar, mas igualmente acerca da história da Europa medieval e moderna. Determinadas passagens de “History of Portugal” assemelham-se a um autêntico manual sobre a arte de edificar impérios, sublinhando-se as vantagens da expansão marítima sobre o domínio territorial, que explicam o sucesso alcançado nos séculos XV e XVI por Portugal e, no período subsequente, por nações como a Holanda e a Inglaterra. Tais considerações certamente se revestiam do maior interesse para nações como a França ou a Grã-Bretanha que, na época, rivalizavam entre si na obtenção do estatuto de potência hegemónica. Todavia, o leitor comum pouco ficaria a saber sobre a História de Portugal entre os séculos XII e XVI, já que os artigos são parcos em informação, omitindo referências a monarcas, heróis e personalidades de primeira grandeza, pormenores de natureza cronológica e sucessos relevantes do ponto de vista histórico. Nesta medida, a intenção do ‘autor francês’ terá sido oferecer uma perspectiva muito genérica da evolução e transformação operada em Portugal no período supracitado, estabelecendo paralelos com os processos históricos de outros impérios e nações, antigos e modernos.

Tomados no seu conjunto, os textos ‘traduzidos’ por Adamson projectam uma imagem romântica da Época Medieval, período fundador em que haviam sido lançados os alicerces das modernas nações europeias. Os monarcas da primeira dinastia portuguesa são inevitavelmente elevados à categoria de heróis virtuosos que souberam conduzir os destinos do país com sabedoria e honradez, afirmando-se que a posição periférica de Portugal e o seu relativo isolamento lhe permitiram escapar às convulsões sofridas pelas restantes nações europeias e lhe conferiram um carácter singular do ponto de político, cultural e civilizacional, transformando o país num caso excepcional no Velho Continente. As qualidades morais e de liderança dos reis portugueses da dinastia de Borgonha prepararam o terreno para que a nação portuguesa alcançasse o auge do seu desenvolvimento e expansão com os monarcas da Dinastia de Avis, cuja inteligência e visão estratégica permitiram que Portugal edificasse o seu império no Oriente, sendo neste preciso contexto esporadicamente referidas personagens históricas emblemáticas, como Vasco da Gama ou os vice-reis da Índia. Já o período subsequente é genericamente descrito como uma fase de inequívoco declínio, fruto da cupidez, corrupção e dissolução de costumes, bem como da ausência de líderes comparáveis em ousadia, valor e abnegação, aos monarcas medievais ou aos grandes navegadores da Era das Descobertas. Esta visão da História de Portugal, na qual são identificadas três fases sucessivas – a





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Idade Média (período de formação da identidade nacional); o Renascimento e as Descobertas (concebido como autêntica Idade de Ouro) e a fase posterior ao reinado de D. Manuel I (encarada como fase de evidente declínio) -, certamente terá merecido a anuência de Adamson, que adopta uma perspectiva em tudo semelhante na sua análise da evolução das letras portuguesas, no primeiro volume de *Lusitania Illustrata* (1842). Igualmente curiosa é a concepção da História revelada pelo lusófilo, que em muito se assemelha àquela que Thomas Carlyle (historiador e filósofo escocês vitoriano, fortemente marcado pelo pensamento romântico alemão e por autores ingleses como Samuel T. Coleridge), virá a defender no ensaio *On Heroes...* (1841), algumas décadas mais tarde, e segundo a qual os grandes homens, as figuras heróicas e divinamente inspiradas constituíam o motor de todas as transformações operadas em qualquer sociedade. Tal como Adamson, Carlyle acreditava que a História estava longe de constituir um processo evolutivo linear e contínuo, nela podendo ser identificadas fases alternadas de confiança e expansão e de pessimismo e destruição. Os artigos sobre História de Portugal publicados pelo lusófilo na primeira década de Oitocentos revelam já uma enfática defesa do conceito de heroísmo e uma predileção por figuras providenciais e iluminadas, dotadas de carisma, autoridade e força sobre-humana, capazes de congregar em seu torno os esforços de todo um povo, tendo em vista a concretização de objectivos grandiosos: a glorificação de uma nação, o estabelecimento de um regime estável e a materialização de um sonho imperial.

A segunda série de textos de cariz historiográfico publicada em *The Monthly Mirror*, intitulada “Memoranda Lusitanica”, assume características bastante diversas da anterior, por se tratar de um trabalho original de Adamson e revelar nitidamente as marcas da sua autoria, pelo carácter exaustivo e rigoroso e a preocupação demonstrada em fundamentar a sua leitura dos factos num número bastante diversificado de fontes. O teor filosófico e por vezes especulativo evidenciado pela série “History of Portugal” é aqui substituído por um estilo austero, quase académico. Em “Memoranda Lusitanica” o lusófilo relata a história da Casa de Bragança, desde as suas origens até à ascensão de D. João IV ao trono de Portugal e à Guerra da Restauração. O interesse deste conjunto de textos de divulgação, através dos quais pretendeu homenagear a família real portuguesa, então exilada no Brasil, reside sobretudo no rigor e precisão dos factos relatados, devidamente confirmados pelo recurso a um número diversificado de fontes bibliográficas que figuravam na sua biblioteca. Igualmente curioso é o facto de o autor efectuar alguns excursos ao longo desta narrativa histórica, aludindo a personalidades destacadas no seio da Casa de Bragança, pela sua importância no âmbito das relações luso-britânicas (e.g. D. Beatriz, irmã de D. Afonso, 1º duque de Bragança), ou ainda a figuras míticas portuguesas como Inês de Castro e D. Sebastião.

A leitura das suas obras maiores e uma abordagem sucinta de séries de artigos surgidos em publicações periódicas revelam uma faceta quase desconhecida da obra de Adamson, mais precisamente a sua visão da História de Portugal, em larga medida convergente com a apreciação que efectua da evolução das letras e da cultura portuguesas. Os dados apresentados permitem-nos afirmar que a sua obra constituiu um dos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

mais vastos e ambiciosos projectos de estudos portugueses delineados por um lusófilo da Era Romântica. A completa materialização do projecto original de *Lusitania Illustrata* tê-lo-ia convertido globalmente numa obra de contornos largamente inovadores, cuja leitura se tornaria essencial para o conhecimento da Literatura e História portuguesas. Nessas circunstâncias Adamson teria certamente ido de encontro às expectativas de um público que, embora pouco numeroso e bastante especializado, acompanhava atentamente o seu percurso literário e apreciava a qualidade e o rigor dos seus trabalhos na Grã-Bretanha e em Portugal, bem como noutras nações europeias, sendo a tal propósito digno de menção o elevado número de sociedades de que foi membro efectivo, correspondente ou honorário: Society of Antiquaries of London; Royal Society of Literature; Real Academia das Ciências de Lisboa; Academia Española de Arqueologia, etc. Impedido de concretizar o seu grandioso projecto por dificuldades de vária ordem: uma saúde débil, a impossibilidade de reconstituir a sua biblioteca, a incapacidade do seu filho Edward-Hussey Adamson em prosseguir a sua obra lusófila, aliadas à saudade de Portugal, que elegeu como segunda pátria e ao qual nunca regressaria, conduzem-no a uma morte prematura em 1855.

**Bibliografia activa:** *Dona Ignez de Castro, A Tragedy from the Portuguese of Nicola Luiz, With Remarks on the History of that Unfortunate Lady.* Newcastle-upon-Tyne, D. Akenhead & Sons; London, Longman, Hurst, Rees and Orme, 1808; "History of Portugal". *The Monthly Magazine: reflecting men and manners*, New Series. London, printed for the proprietors, vol. II, Nov. 1807, pp. 315-316, 316-320, Dec. 1807, 385-389; vol. III, Feb. 1808, pp. 81-83, March 1808, 224-226, April 1808, 292-296, June 1808, 430-432; vol. IV, July 1808, pp. 19, 20-21; "Memoranda Lusitanica". *The Monthly Magazine: reflecting men and manners*, New Series. London, vol. V, April 1809, 210, 211-214, May 1809, 269-272, Aug. 1809, 83-86; vol. VI, Nov. 1809, 268-272, Dec. 1809, 328-333; *Sonnets from the Portuguese of Luis de Camoens.* Newcastle-upon-Tyne, Akenheads Printers, 1810; *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens.* London, Edinburgh and Newcastle-upon-Tyne: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 2 vols. 1820; *Bibliotheca Lusitana; Or Catalogue of Books and Tracts, Relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal: Forming Part of the Library of John Adamson,* Newcastle-upon-Tyne: T. and J. Hodgson, 1836; *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc. of Portugal. Literary Department, Part I. Selection of Sonnets, With Biographical Sketches of the Authors.* Newcastle-upon-Tyne, T. and J. Hodgson, 1842; *Idem [...], Literary Department, Part II. Minstrelsy.* Newcastle-upon-Tyne, M. A. Richardson, 1846; *Reply of Camoens (supposed to have been given by the Portuguese poet to a fidalgo, who requested him to compose some verses for him).* Newcastle-upon-Tyne, imprinted by M. A. Richardson, 1845; *Sonnets,* Newcastle-upon-Tyne, imprinted by M. A. Richardson, 1845; *Ballads from the Portuguese, translated and versified by J. A. and R. C. C.* Newcastle-upon-Tyne, M. A. Richardson, 1846; *The Lusiad of Luis de Camoens, Books I to V, Translated by Edward Quillinan. With notes by John Adamson.* London, Edward Moxon, 1853.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

**Bibliografia passiva:** BRANCO, Manuel Bernardes. *Portugal e os Estrangeiros*. Vol. I. Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, 1879, pp. 12-16; DIBDIN, Thomas Frognall, *A Bibliographical, Antiquarian and Picturesque Tour in the Northern Counties of England and in Scotland*, 3 vols. London. s.l., 1838, vol I, pp. 347-400; ESTORNINHO, Carlos. "O Culto de Camões em Inglaterra." *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. Ano VI, n.º 23-24 (1955): pp. 7-8, 12-13, 22; ESTORNINHO, Carlos, "Letters from British Correspondents to Almeida Garrett". *Annual Report and Review of the Historical Association, Portugal Branch, 12th Annual Report and Review*, Lisboa, s.n., 1954, 712-723; PALLISTER, George, *John Adamson 1787-1855, An Eminent Novocastrian*. Newcastle-upon-Tyne, J. Holmes and Co., s.d.; RAITT, Lia Noémia Rodrigues Correia, *Garrett and the English Muse*. London, Tamesis Books, 1983. 2, 9-10, 12-13; PEQUITO, João Martins Gomes, "John Adamson (Lusófilo e Camonianista do Século XIX)". Dissertação inédita de Mestrado em Filologia Germânica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959; SILVA, Inocêncio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez [...]*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1886, Tomo XIV, 7º do Suplemento, pp. 235-240, 246-247, 373, 375; SILVA, João Paulo Ascenso Pereira da, *Memórias de Portugal, A Obra Lusófila de John Adamson*. Lisboa e Ponta Delgada, Eurosigno, 1990; SILVA, João Paulo A. P., "John Adamson e o Mito Romântico de Camões". SOUSA, Maria Leonor Machado de (coord.), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, ICALP / Ministério da Educação, 1992, pp. 159-187; SILVA, João Paulo A. P., "'History of Portugal' e 'Memoranda Lusitanica' – Uma Visão Romântica da História Portuguesa nas Páginas de *The Monthly Mirror*". SILVA, Jorge Bastos da, CASTANHEIRA, Zulmira (orgs.), *Entre Classicismo e Romantismo, Ensaios de Cultura e Literatura*. Porto, FLUP/CETAPS, "Studies in Classicism and Romanticism", n.º 2, 2013, pp. 107-125. Disponível em:<URL: [http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1304id2626 &sum=sim.](http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1304id2626&sum=sim.)> TEDDER, Henry Richard, "Adamson, John (1787-1855.)". STEPHEN, Leslie (ed.), *Dictionary of National Biography, 1885-1900*. London, Smith, Elder and Co. Vol. I., pp. 110-111; WALTER, Félix, *La Littérature Portugaise en Angleterre à L'Époque Romantique*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927, pp. 107-110.

João Paulo Ascenso Pereira da Silva